

A tentativa de aproximação no novo JN: as mudanças nas linguagens verbal e corporal na apresentação do Jornal Nacional¹

Thayane dos Santos MOREIRA²

Zulmira NÓBREGA³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

As mudanças feitas em abril de 2015 no formato do Jornal Nacional, da Rede Globo, alteraram as linguagens verbal e corporal dos apresentadores, mostrando um novo telejornal ao público. O presente trabalho analisa as modificações realizadas no noticiário e os artifícios usados para transmitir a ideia de proximidade com o público, observando os movimentos corporais, as expressões faciais e o tipo de linguagem verbal (formal ou informal) adotado pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos. Agora, a linguagem corporal é perceptível aos telespectadores e a informalidade está presente nos textos do Jornal Nacional tornando a notícia mais acessível, aumentando, assim, a sensação de proximidade.

Palavras-chave: Jornal Nacional; telejornal; aproximação

1 INTRODUÇÃO

Em 27 de abril de 2015, o Jornal Nacional (JN) foi ao ar exibindo um novo formato. Em um cenário reformulado, os apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos apareceram em uma bancada menor, até que – pela primeira vez – se levantaram e caminharam pelo estúdio, deixando o corpo inteiro às vistas do telespectador.

Utilizando uma linguagem verbal próxima da língua falada, os apresentadores fazem uso de artifícios para quebrar a barreira de sisudez que deixava o telejornal distante de quem o assistia. Agora, é possível ver o âncora do telejornal conversando com o repórter como se fossem dois colegas íntimos. Além disso, os corpos conversam mais com os telespectadores. A linguagem corporal aliada à fala e aos elementos inseridos na imagem, mostram um Jornal Nacional mais solto ao transmitir o fato.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo, email: thyanemore@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo, email: zulmirasnobrega@gmail.com.

Primeiro telejornal brasileiro a ser transmitido em rede nacional em 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional da Rede Globo, inovou para a época ao exibir as mesmas notícias do Brasil e do mundo simultaneamente em todos os estados brasileiros, alcançando um número maior de pessoas em relação aos demais telejornais da época.

Desse modo, não demorou muito para que o Jornal Nacional se tornasse o carro-chefe do jornalismo da emissora e ajudasse a transformar o turno televisivo da noite no “Horário Nobre” da TV, uma vez que o telejornal era exibido entre duas telenovelas – que também era uma recente novidade na época – fazendo do horário da noite um combo atrativo de entretenimento e informação. Hoje, ele é o telejornal mais assistido da televisão brasileira.

O Jornal Nacional pauta as conversas de seus telespectadores na manhã seguinte. Em padarias, mercados públicos ou dentro dos ônibus, é possível ouvir alguém comentando sobre o que foi noticiado na noite passada por William Bonner, e questionando se a outra pessoa – com quem conversa – também assistiu aquilo.

No entanto, com a internet oferecendo informação em tempo real e a principal emissora concorrente investindo em novelas e transmitindo-as no mesmo horário, o telejornal Global sofreu uma queda na audiência chegando a atingir 20 pontos na região da Grande São Paulo em março de 2015, após ter mantido durante anos a média de 35,8, de acordo com dados do IBOPE. Portanto, o antigo formato adotado não era mais o suficiente para atrair e prender a atenção do telespectador. Então, a saída foi deixar o Jornal Nacional mais dinâmico.

A presente análise visa discutir acerca das modificações feitas diante de um telejornalismo que foi engessado durante décadas.

2 LINGUAGEM NO TELEJORNALISMO

No jornalismo, o profissional tem como objetivo a coleta, a investigação e a divulgação de informações para o público, utilizando os veículos de comunicação para difundi-las. Além disso, ele deve deixar a informação atrativa para quem a ouve. Dessa forma, a linguagem utilizada é importante para quem transmite a informação e quem a recebe, pois cumpre o papel de ser a primeira a seduzir o receptor e prender a atenção dele durante todo enunciado.

A televisão está totalmente incorporada ao cotidiano brasileiro. Assistimos TV e conversamos, almoçamos, falamos ao telefone, recebemos amigos ou até mesmo a deixamos ligada enquanto circulamos pela casa. Sua linguagem básica baseia-se justamente nessa dispersão. (PEREIRA, 2013, p. 86)

A TV está presente na casa da maioria dos brasileiros e é um veículo de comunicação de fácil acesso, já que até quem não tem um aparelho em casa, pode espiar o telejornal na casa do vizinho ou na lanchonete do bairro. Assim, a linguagem – seja verbal ou corporal – adotada em um programa jornalístico deve ser pensada a partir do fato da televisão ser um meio de comunicação de massa, ou seja, alcança diversas pessoas de classes e formações diferentes.

Portanto, a linguagem utilizada pelos telejornais deve ser clara conforme o alcance da televisão, para que qualquer pessoa consiga compreender o que está sendo transmitido e, então, fazer sua própria leitura do evento.

A televisão, além de fonte inesgotável de entretenimento e informação, utiliza-se de uma linguagem simples, que pode ser entendida por indivíduos de qualquer meio. Qualquer pessoa consegue entender a signagem da televisão quase em sua totalidade, embora cada indivíduo possa entendê-la de modo diferente. (JESUS e RESENDE, 2013, p. 5)

No entanto, durante décadas, a linguagem verbal⁴ utilizada no telejornalismo era apenas a formal, numa tentativa de mostrar seriedade para o público que, por muito tempo, foi composto em sua maioria por telespectadores de classe alta, devido ao difícil acesso a televisão, fator ligado a questões econômicas do país na época. No entanto, a linguagem informal foi incluída de forma gradativa, juntamente com a ascensão da Classe C na economia brasileira nos últimos dez anos, e com o surgimento do Webjornalismo e a democratização da internet, que facilitava o acesso a informação em tempo real.

Quanto à linguagem corporal⁵, os gestos eram contidos. Os apresentadores mantinham os braços firmes sobre a bancada com poucos movimentos e os repórteres consideravam suficiente utilizar apenas um braço para segurar o microfone durante a passagem. Porém, à medida que os telejornais a partir dos anos 2000 se tornavam mais dinâmicos, os movimentos ficaram mais livres, permitindo que o corpo acompanhasse a fala, mesmo que ainda de forma discreta, visando uma atração maior do público.

⁴Linguagem verbal é aquela que utiliza da palavra como forma de comunicação, através da fala ou da escrita.

⁵Linguagem corporal é um tipo de linguagem não-verbal, quando não é feito o uso de palavras. Na linguagem corporal, a comunicação é feita através do gestos, posturas e expressões faciais do corpo.

O Jornal Nacional, da Rede Globo, é um exemplo de telejornal que evitou deixar a linguagem corporal perceptível durante anos. Com os braços escondidos na bancada dos primeiros cenários e pouca expressão facial o JN também trazia a linguagem formal nos textos, dificultando que ela fosse entendida e interpretada por um número maior de telespectadores.

Assim, podemos entender que as linguagens verbal e corporal usadas nos telejornais são escolhidas, dentre vários fatores, de acordo com o perfil editorial e o público-alvo do noticiário, além de sincronizadas com cada notícia.

3 O NOVO JN

No dia 27 de abril de 2015, o Jornal Nacional foi ao ar exibindo um novo formato, como parte das comemorações pelos 50 anos da Rede Globo. Com uma série de mudanças no cenário, facilmente notadas pelo telespectador, o telejornal passou a utilizar uma linguagem mais coloquial e próxima do cotidiano, tendo como objetivo atrair o público e ficar mais próximo dele.

O tom informal foi dado aos apresentadores diante de um cenário mais espaçoso com uma bancada menor e, dessa vez, sem o mapa mundial ao fundo, mas apenas um telão. Além de um grande telão usado para mostrar as entradas dos repórteres ao vivo e a previsão do tempo, que foi colocado ao lado da bancada.

Ao fim da escalda, a primeira mudança pôde ser percebida quando o enquadramento mudou e os apresentadores foram mostrados por uma câmera grua⁶ na diagonal. No mesmo plano foi possível ver todo o espaço – maior – do estúdio, a nova bancada e toda a redação na parte de baixo. Antes, a grua não era utilizada no JN e, para mostrar planos com vários elementos, a câmera aumentava o enquadramento em uma espécie de zoom invertido, saindo de um plano pequeno para um maior.

A mudança no principal telejornal da Globo aconteceu no momento em que a Rede Record transmitia a novela bíblica “Os dez mandamentos”, que com seus efeitos visuais e o enredo inspirado nas histórias bíblicas conquistou a segunda posição na audiência – antes ocupada pelo SBT – e fez com que a diferença entre a primeira colocada diminuísse. Além disso, dados do IBOPE mostram que o telejornal chegou a registrar 25 pontos de audiência

⁶ A câmera grua funciona como um guindaste com uma câmera na ponta e é utilizada em filmagens externas ou dentro de grandes estúdios. Ela é capaz de se movimentar em todas as direções e mostrar diversos elementos em apenas um enquadramento.

na região da Grande São Paulo, no Sudeste do país, no dia 23 de março, enquanto há 10 anos, os pontos da audiência chegavam a 35.

O noticiário com que iniciou a forma engessada do “padrão Globo de Jornalismo” – apresentadores na bancada com gestos contidos e linguagem formal – passou a usar palavras na forma falada, a exemplo da preposição “para” que passou a ser usada também na forma informal “pra”, assim como o uso do “tá” ao invés do “está”, que foi dito por William Bonner logo no primeiro bloco da edição de estreia do novo formato ao falar sobre o terremoto que havia atingido o Nepal.

O Nepal tá quase nove horas na frente do horário de Brasília. (grifo nosso.) (BONNER, 2015).

Em seguida, Bonner anunciou que conversaria ao vivo com os repórteres Carol Barcelos e Claiton Conservani ao vivo sobre o terremoto e explicou para o telespectador – enquanto ficava em pé – que a conversa seria longa, já que levaria um tempo para os correspondentes receberem o áudio. Nesse momento, o apresentador caminhou pelo estúdio em direção ao telão e ficou próximo da câmera, transmitindo a sensação de estar mais perto de quem estava em casa, enquanto conversava com o telespectador.

Vai ser uma conversa, assim, com umas pausas meio longas, porque eles levam uns cinco segundos mais ou menos pra terminar de ouvir a pergunta que a gente vai fazer. (BONNER, 2015).

Foi possível perceber logo no primeiro bloco a tentativa do telejornal de se aproximar do telespectador e tornar a linguagem mais acessível, além de inseri-lo no universo do telejornal, uma vez que o *delay* foi explicado. Nessa edição de estreia, cerca de 8min⁷ foram dedicados a imagens do estúdio e 17min em média foram destinados a interatividade entre os apresentadores e os repórteres no grande telão. Além da necessidade de explorar o novo cenário, também é preciso considerar que boa parte do Jornal Nacional daquele dia precisou ser dedicada à tragédia do Nepal e as atualizações das informações com os repórteres ao vivo.

Dessa forma, o telejornal mais tradicional do telejornalismo brasileiro e conhecido pela seriedade e formalidade que transmitia, parecia um novo noticiário em uma versão nunca antes vista no horário nobre.

⁷ Coluna Radar Online. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/televisao/a-revolucao-no-jornal-nacional-em-numeros/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

3.1 Cenário

O novo formato do Jornal Nacional apresentou um estúdio maior e mais espaço, mas, por outro lado, com a menor bancada usada desde 1989. Além disso, o mapa mundial que ficava acima da redação ao fundo dos apresentadores desde o ano de 2000 foi retirado junto com as siglas JN que ficavam ao lado, dando a impressão de que estavam suspensas no ar. Com isso, o telão ficou maior e as laterais do estúdio ganharam paredes azuis que funcionam como extensão da tela e chamam a atenção para ela.

Nas figuras abaixo podemos observar as mudanças citadas. A Figura 1 pertence ao telejornal do dia 20 de abril, oito dias antes da mudança. Este cenário foi utilizado entre os anos de 2009 e 2015. Já na Figura 2, retirada da edição de 27 de abril, é possível ver o novo cenário.

Figura 1 - Imagem do cenário na edição de 20 de abril de 2015.



Fonte: Reprodução/TV Globo

Figura 2- Imagem do cenário na edição do dia 27 de abril de 2015



Fonte: Reprodução/TV Globo

Como pode ser observado, o plano no qual os apresentadores estão enquadrados também ficou maior no novo cenário, mostrando a bancada inteira e parte do chão do estúdio dando a noção de espaço ao telespectador. Em adição, as paredes de LED colocadas na lateral do cenário transmitem a sensação de afunilamento em direção ao telão, o qual se torna o elemento mais importante após os apresentadores. Além disso, essas paredes mudam de cor de acordo com a imagem que é colocada no telão.

A mudança no enquadramento permitiu que novos ângulos fossem inseridos no noticiário. Com o auxílio de câmeras do tipo grua e outras colocadas em pontos estratégicos, como na diagonal da bancada.

Figura 3 - Novo ângulo diagonal.



Fonte: Reprodução/TV Globo

Figura 4- Novo ângulo em plano fechado.



Fonte: Reprodução/TV Globo

Vemos que na Figura 3, os apresentadores agora são mostrados também na diagonal com o telão ao fundo ilustrando a informação que está sendo transmitida e, na Figura 4,

percebemos a mudança no plano fechado⁸. Desde a inserção do close no Jornal Nacional, o apresentador posicionava seu corpo para o “lado de dentro” da bancada, no entanto, no novo formato o âncora vira um pouco o seu corpo para fora.

Além do fechado, o plano médio⁹ dos apresentadores também foi alterado. Antes da reformulação, eles eram enquadrados de acordo com a altura do corpo, sem que a câmera subisse ou abaixasse (como pode ser visto na Figura 1), porém a dupla agora é mostrada de cima para baixo (ver Figura 5). Neste sentido, o enquadramento passa a sensação de inferioridade do apresentador diante do que ele fala e de quem o assiste.

Figura 5 - Plano médio dos apresentadores agora é de cima para baixo.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Na tentativa de deixar o telejornal mais interativo, um grande telão foi inserido ao cenário no espaço lateral, ele é usado para mostrar a previsão do tempo e os repórteres em *link* ao vivo, entretanto, para que o público veja a tela é preciso que o apresentador saia da bancada durante o noticiário para conversar com o repórter ou com a garota do tempo.

Essa foi a principal inovação no novo formato do Jornal Nacional, pois permitiu que o telespectador visse o âncora de corpo inteiro pela primeira vez no telejornal do horário nobre.

⁸ No plano fechado ou “close up” a câmera fica bem próxima do objeto, sem deixar grandes espaços à sua volta. Esse é um plano que transmite intimidade.

⁹ O plano médio acontece quando a câmera é posicionada a uma distância média do objeto. Assim, ele ocupa uma boa parte do cenário, mas ainda com espaços à sua volta. Esse plano transmite posicionamento.

Figura 6 - William Bonner levanta da bancada pela primeira vez.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Durante as participações ao vivo dos repórteres, o telão cria a ilusão de que o apresentador e o repórter estão próximos e que o cenário onde o profissional da reportagem está inserido é uma extensão do estúdio, como ilustrado abaixo na Figura 7. Isso acontece devido ao tamanho do telão e pela segunda câmera usada no link ao vivo, que permite que o repórter seja enquadrado de corpo inteiro.

Figura 7-Novo telão é inserido ao cenário.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Neste sentido, a segunda câmera utilizada durante o *link* também foi uma inovação do Jornal Nacional, tendo em vista que o vivo era feito apenas por um repórter e uma câmera que o enquadrava em plano americano em um cenário que ilustrasse a notícia que estava sendo transmitida.

3.2 Postura dos apresentadores

As mudanças no espaço e no enquadramento do Jornal Nacional influenciaram diretamente na postura¹⁰ dos apresentadores diante das câmeras, permitindo que a linguagem corporal utilizada se tornasse mais solta e ficasse perceptível ao telespectador. Mais gesticulações, pernas inteiras, cabeça balançando e expressões faciais mais evidentes podem ser vistas pelo público.

As mãos, que antes ficavam contidas sobre a bancada, estão mais livres e chegam a conversar com quem assiste através dos gestos feitos pelo âncora que, mexe as mãos ao falar o texto, como se o membro completasse a sua fala. Na edição do dia 11 de maio de 2015, enquanto a apresentadora Renata Vasconcellos noticiava a suspensão das aulas de cursos da UFRJ devido à falta de limpeza nos prédios, ela movimentou as mãos 11 vezes em 10 segundos. À medida que a jornalista abria e fechava as mãos e fazia gestos que demarcavam a sua fala, a interpretação do telespectador ficava livre para unir aqueles gestuais com a fala em tom indignado e as sobrancelhas levantadas e, entender aquela informação como algo incomum e asqueroso.

Outra significativa mudança na linguagem corporal do Jornal Nacional foi a possibilidade dos apresentadores caminharem pelo estúdio percorrendo o espaço entre a bancada e o novo telão, uma vez que os movimentos feitos pelo corpo do apresentador ficam visíveis para quem o assiste. Dessa forma, vale ressaltar que o âncora – que antes era visto apenas da cintura para cima – aparecer de corpo inteiro pode ser interpretado como uma das tentativas de aproximação do telejornal com o público, mostrando que o locutor é uma pessoa como qualquer outra. Nas Figuras 6 e 7 acima, é possível ver dois momentos onde o apresentador William Bonner apareceu de corpo inteiro.

Contudo, essa mudança requer atenção, pois, com o corpo livre e a linguagem corporal perceptível, o apresentador deve ter cuidado para que o corpo não fale mais do que a notícia. A informação deve ser sempre o mais importante em um telejornal.

A forma como o indivíduo aparece, se faz perceber, é cheia de significantes e significados, que - se conhecidos e usados de forma consciente - podem colaborar com o objetivo da comunicação em si e com o sucesso da mesma [...] Vale a pena ressaltar que o principal produto da emissora nos programas telejornalísticos é a notícia e o jornalista cumpre o papel de ser o transmissor dela, não devendo, portanto, interferir de forma drástica na imagem e no processo de comunicação como um todo. (AQUINO, 2011, p.2)

¹⁰ Neste trabalho, entendemos como postura a maneira de manter o corpo e a posição que ele (ou parte dele) toma em um espaço.

As expressões faciais e os movimentos corporais podem transmitir uma opinião pessoal ou algum sentimento – como raiva, tristeza, indignação ou alegria – derrubando o ideal de imparcialidade defendido pelo telejornal. Se o apresentador junta suas sobrancelhas, por exemplo, o telespectador pode entender que aquela informação causa raiva e ser influenciado na formação da opinião dele acerca do assunto. E, do mesmo modo que uma postura ereta transmite credibilidade, os braços cruzados sobre a bancada podem representar um sinal de restrição.

No último bloco da edição do dia 27 de abril de 2015, o Jornal Nacional exibiu uma matéria sobre a carreira e despedida da jogadora de vôlei Fofão e, ao introduzir a matéria, Renata Vasconcellos virou um pouco a cabeça para o lado e abriu os braços com uma expressão facial que, unida aos movimentos do corpo e ao tema da matéria, pode ser interpretada como frustração e incerteza em relação ao tema da reportagem, como pode ser observado na Figura 8.

Figura 8 - Renata Vasconcellos transmite frustração e incerteza.



Fonte: Reprodução/TV Globo.

Em contra partida, a caminhada pelo estúdio possibilita que o apresentador chegue mais próximo da câmera, ou seja, mais próximo de quem está em casa. Ao passear pelo cenário, a câmera começa em plano aberto até chegar ao fechado para depois abrir mais uma vez, executando um travelling¹¹ enquanto o apresentador anda e dar a informação sem perder o “olho no olho” (ver Figura 9) com o telespectador.

O apresentador e seu corpo significante se colocam diante do público a uma distância inexistente – se considerarmos os modos de presença. O “olho-no-olho” produz a tão pretensa aproximação. O olhar do apresentador fala diretamente no olho de quem está em casa, contribuindo,

¹¹ Movimento realizado pela câmera para acompanhar o objeto em movimento.

assim, para estimular a identificação do sujeito com o telejornal. Nesse jogo enunciativo, é estabelecido o contato entre as partes e o *status* de confiança. (PEREIRA, 2013, p. 99)

Assim, o apresentador consegue prender a atenção do telespectador e criar um mecanismo de intimidade com ele, a lente da câmera nesse momento se torna apenas um detalhe para que um diálogo seja estabelecido entre o emissor e o receptor da informação.

Figura 9 - Momento em que os apresentadores ficam mais próximos da câmera



Fonte: Reprodução/TV Globo

3.3 Texto

A linguagem verbal utilizada nos textos de cabeças e notas também sofreram alteração no novo JN, as palavras simples e a linguagem mais próxima da falada se tornaram cada vez mais presentes no telejornal como forma de facilitar o entendimento do telespectador e fazer com que ele se identifique com o telejornal que fala como ele.

Na edição de estreia do novo formato, pudemos observar que a primeira mudança apresentada ao público foi na escalada. Após a vinheta, os apresentadores dão “boa noite” e avisam que informarão as notícias que foram destaques durante o dia; anteriormente, os âncoras saudavam o público só após a escalada, que já começava com os destaques. Seguem exemplos da nova escalada:

William Bonner: – Boa noite.

Renata Vasconcellos: – Boa noite.

William Bonner: – O Jornal Nacional começa agora com os destaques dessa segunda-feira, 27 de abril. (Edição do dia 27/05/15)

William Bonner: – *Olá, boa noite.*

Renata Vasconcellos: – *Boa noite.*

William Bonner: – *O Jornal Nacional começa agora com os destaques desta sexta-feira.* (Edição do dia 1/05/15)

Cumprimentar o telespectador no início do telejornal pode ser considerado como uma forma de atrair o público fazendo-o se sentir importante e, anunciando que as notícias serão ditas para que ele fique informado sobre o que aconteceu de relevante naquele dia. Além disso, o “olá” transmite intimidade e informalidade para quem ouve passando a sensação de que uma conversa foi iniciada.

Esta ideia de conversa é reforçada durante todo o noticiário, mas, principalmente, quando o apresentador se levanta para interagir com um repórter ao vivo. Ao sair da bancada, após introduzir o assunto, ele conta para o público que vai conversar com o repórter e inicia outra conversa com o profissional que está no *link* ao vivo.

No dia 27 de abril, Bonner utilizou desse recurso para noticiar o recorde de casos de Dengue em São Paulo e na interação com o repórter José Roberto Burnier, que continuou a conversa.

William Bonner: – O repórter José Roberto Burnier tá no comando militar do Sudeste, em São Paulo. A gente vai conversar com ele agora pra saber... mais em detalhes do que se trata isso. Que recorde é esse Burnier? Boa noite.

José Roberto Burnier: – Pois é Bonner, esse é aquele recorde que ninguém quer, né?

Como podemos observar no exemplo acima, Bonner fala diretamente com quem está em casa e a fala em tom confuso com uma pequena pausa no meio do texto, transmite a ideia de que, assim como o telespectador, o âncora precisa de mais detalhes acerca do assunto. Em adição, as palavras destacadas em negrito no exemplo mostram a utilização da língua falada para aumentar a noção de proximidade entre repórter, apresentador e público.

A tentativa de conversa com o telespectador também foi notada na edição de 6 de julho, quando William Bonner introduziu uma matéria sobre o risco que o uso do celular pode representar à saúde. Enquanto alternava o olhar entre a câmera e a companheira de bancada, Renata Vasconcellos, ele disse:

William Bonner: – Olha, isso de resolver tudo pelo celular até pode ser muito prático. Acho que é mesmo. Mas também pode criar um problemão de saúde.

No início do enunciado, o apresentador já convida o público a ficar atento ao que vai ser dito e mostrado, tentando manter um diálogo com o telespectador, ou seja, utilizando estratégias para atrair o público e aumentar a audiência.

Esses artifícios utilizados nos textos do novo JN exemplificam a tentativa do telejornal em chegar mais próximo do telespectador através da linguagem verbal que ele já conhece, visando atrair e fidelizar esse público para melhorar a audiência do mais antigo telejornal brasileiro. Neste sentido, as mudanças foram necessárias, mas causam estranheza diante do formato adotado por mais de 40 anos.

Vale ressaltar que, com a linguagem informal e a interatividade mais presente nas edições, o noticiário também entra em uma batalha para atrair uma geração que, aos poucos, abandona a TV para se conectar a internet tendo acesso a uma linguagem mais acessível e explicativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornal Nacional passou por diversas mudanças desde sua primeira edição no ano de 1969, porém a reformulação feita em abril de 2015 foi a mais significativa dentre todas já feitas nestes 46 anos. Pela primeira vez, foi possível ver o apresentador de corpo inteiro caminhando pelo estúdio do telejornal, enquanto ele conversa com quem está em casa com uma linguagem informal e diferente das ouvidas nos telejornais, criando uma sensação de proximidade. Além disso, os corpos dos apresentadores passaram a conversar com o telespectador através de movimentos contínuos das mãos e expressões faciais, que tornam o telejornal mais dinâmico e atraente.

Dessa forma, concluímos, a partir da análise, que o Jornal Nacional está utilizando artifícios para transmitir a sensação de proximidade com o público, utilizando uma linguagem verbal próxima da realidade do cotidiano da maioria dos brasileiros, fazendo uso de termos como “tá”, “oi” e “pra”. Neste sentido, o apresentador passa a ser visto como uma pessoa comum e a distância e ideia de superioridade que a rigidez do telejornal transmitia, é diminuída.

A linguagem corporal mais livre de apresentadores e repórteres auxiliam a complementar a mensagem que está sendo transmitida, tornando-a, por diversas vezes, mais acessível e facilitando a compreensão do telespectador, aumentando, assim, a sensação de proximidade.

Por fim, compreendemos que a queda na audiência e a disseminação das notícias na internet, fazem com que as mudanças do Jornal Nacional sejam necessárias. É preciso

buscar estratégias e artifícios para atrair e prender a atenção do telespectador apresentando para ele um novo telejornalismo, mais interativo e dinâmico.

REFERÊNCIAS

JESUS, J. T. de; RESENDE, V. L. A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia>>. Acesso em: 13 mar 2016.

PEREIRA, I. B. D. **Jornal Nacional**: a nova cara do telejornalismo da Globo. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12161/1/2015_IngridBorgesDuartePereira.pdf>. Acesso em 10 mar 2016.

PEREIRA, R. V. V. A queda da bancada e as mudanças na cena de apresentação dos telejornais: em busca da identidade e aproximação com o telespectador – uma análise do MGTV Primeira Edição. 2013. 233 f. Dissertação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgcom/files/2015/05/renata.pdf>>. Acesso em: 20 mar 16.